

Obadyah Alliance

**CANTO
CONGREGACIONAL**

Rabino Dr. David de Sola Pool

Obadyah Alliance

CANTO CONGREGACIONAL

Sermão pregado na sinagoga hispano-portuguesa
Shearith Israel, Nova Iorque em Shemini
`Aşereth 5671-1910

Rabino Dr. David de Sola Pool

Rabino Assistente da Congregação

Prefácio do Hakham Dr. Yehonatan Elazar-DeMota

Tradução de Holean F. R. Costa

TÍTULO ORIGINAL
Congregational Singing

AUTOR
David de Sola Pool

TRADUÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL
Holean F. R. Costa

REVISÃO TÉCNICA
Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO
Holean F. R. Costa
Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA
Holean F. R. Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2023

PREFÁCIO

Mais uma obra centenária traduzida. Mais uma de autoria do Rabino David de Sola Pool, um dos principais representantes da tradição judaica hispano-portuguesa ou sefaradita ocidental do século XX. Desta vez, um sermão pregado em Shemini `Asereth sobre o canto congregacional e como esse deve fazer parte dos serviços na sinagoga.

Esta obra junta-se a outras do mesmo autor já traduzidas para a língua portuguesa pela Obadyah Alliance, como “Casamentos Mistos”, “Como contar histórias bíblicas a crianças judias” e “A Imutável Lei”.

É nosso desejo que, por meio desta, a Nação seja fortalecida na Torá e em seus preceitos.

Yehonatan Elazar-DeMota
Presidente da Obadyah Alliance

לְמִנְצֵחַ עַל-הַשְּׁמִינִית מְזֻמָּר לְדָוִד

Ao mestre da música, *`al hasheminith*, um salmo de David. Assim consta na linha introdutória do salmo doze, o salmo escolhido para este dia de Assembleia Solene¹ devido à palavra *sheminith*, que significa "oitava", tomando como referência ao oitavo dia da Assembleia Solene. No entanto, o problema de traduzir a palavra *sheminith* com certeza e precisão ainda confunde acadêmicos, apesar da erudição e ingenuidade das teorias propostas para sua solução.

A versão mais antiga dos salmos, a tradução grega chamada de Septuaginta, traduz literalmente "no oitavo", deixando a complexidade de fora. Eben Ezra sugere que a palavra diria que o salmo é para ser cantado como o oitavo de uma série de melodias. A versão judaica antiga, o Targum, comentaristas como Rashi e David Kimchi e, seguindo esses, a tradução inglesa concordam ao entender a palavra *sheminith* como o nome de um instrumento de oito cordas. Mas, o livro de Crônicas (XV, 21) conta-nos que, para o Templo, David nomeou Heman, Assaf e ledutún como músicos mestres, com címbalos para marcarem o tempo, oito levitas com harpas *`al `alamoth* e seis levitas com liras *`al hasheminith* para guiarem a melodia. Se *sheminith* fosse um instrumento, ficaríamos perdidos ao explicar o significado de "liras sobre o sheminith". Por essa e outras razões também, a maioria dos acadêmicos interpreta a palavra *sheminith* em outro sentido. Oito levitas foram apontados com harpas *`al `alamoth* e seis com liras *`al hasheminith*; a palavra *`alamoth* significa moças e a palavra *sheminith* significa oitava e, portanto, esses termos são usualmente traduzidos como "harpas ajustadas a vozes femininas", isto é, com uma afinação alta, e "liras ajustadas à oitava" que seria uma oitava, oito notas, abaixo do que a comum. A harpa *`al `alamoth* seria a harpa ajusta a voz feminina, de tessitura mais alta; a lira *'al hasheminith*, a lira afinada à voz mais grave dos homens.

Por trás desses dois termos, temos uma visão de homens e mulheres louvando o Eterno com canto. No templo de Salomão, o serviço era musical. O livro

¹ Também conhecida como Shemini `Asereth. (N. do T.)

de Crônicas descreve em detalhes a organização feita para a execução musical do serviço. Diz-se que, no Segundo Templo, também, vozes humanas eram entoadas em louvores a Deus. Os livros de `Ezra' e Neḥemyah (`Ezra' II,6; Neḥemyah VII, 67) falam sobre cantores e cantoras do templo, e o Talmud conta muito sobre a música e os corais do templo. Na verdade, o livro de Salmos, como o temos, com as introduções para os diferentes salmos, é organizado como um livro de louvores usado no Segundo Templo.

Hoje, a sinagoga toma o lugar do templo. A sinagoga na qual, nas palavras daquele menino mimado do judaísmo, Heinrich Heine, o louvor a Deus tem mais inspiração vindo do peito humano quente do que de um órgão de tubos frio (*Der Rabbi von Bacharach*, capítulo II); a sinagoga na qual o serviço sempre foi cantado. É desse canto congregacional que eu falarei hoje, um tema que não tem importância menor. Está claro para o observador mais casual que as influências religiosas e a prática do culto religioso estão se tornando mais raras nos lares e, portanto, o fortalecimento das influências religiosas e da prática da adoração entre os jovens deve ser assumido pelas sinagogas, já que as casas estão menos espirituais. Nunca antes, o serviço da sinagoga foi tão essencial para o bem-estar da religião como agora, quando, infelizmente, vem tomando o lugar da adoração familiar e da devoção privada, além de sua própria função. Qualquer elemento de serviço que possa ser desenvolvido para fazer a sinagoga e seus serviços mais atrativos e inteligíveis para a nova geração deveria inspirar nossa mais profunda atenção.

Se aqueles que gostaríamos de ver na sinagoga podem vir e, mesmo assim, não vêm, devemos ter a coragem de confessar que o serviço não tem nenhum atrativo para eles. Nos grandes dias de *Rosh haShaná* e *Kippur*, quando a sinagoga está muito cheia, fica claro para todos que muitos ficam indiferentes e mudos em seus lugares, nem seguindo nem participando do serviço.

O remédio para essa apatia está à mão. Não consiste em mudar o serviço, pois essa rota suicida é seguida frequentemente à nossa volta, logrando bancos mais vazios que de costume, quando a novidade do experimento desaparece. Consiste em ensinar à congregação a participar e, até mesmo, manter o serviço. Isso não é apenas possível de ser feito, deve ser feito, pois nossa liturgia não foi composta friamente, para ser recitada monotonamente com tédio e sem vida. Ela carrega em cada linha a marca do calor e da cor do canto, e nós, judeus sefarditas, sempre cantamos o serviço do começo ao fim. As melodias tradicionais são todas

simples e sem necessidade de muito alcance vocal, de modo que até a pessoa menos musical pode cantá-las. Não usamos, em serviço algum, um grande número de melodias, pois a sabedoria das gerações passadas viu que, se toda a congregação é para louvar a Deus e não se sentar sem atenção e cansada enquanto o regente reza por ela, as melodias devem ser poucas, familiares e amadas. O ḥazan, entre nós, é o líder da oração da congregação que também reza, não aquele que canta músicas elaboradas, além do alcance da congregação, nem o que reza por sua congregação, pois ela pode, em vez disso, participar desse exercício espiritual ao qual chamamos oração.

Quando, nos intervalos do serviço, a ocasião exigir que "o esplendor da santidade" deva ser mostrado por uma explosão de salmodia; quando, ao tirar e retornar o rolo da Torá, a solenidade da cerimônia pede uma explosão coral, então o coral, por conta própria, aumenta a emoção espiritual em uma consonância de doces sons, mas, em outros momentos, o canto do coral não deve significar o silêncio da congregação. A função do coral é liderar e não se sobrepor à congregação, para guiá-la escolhendo a melodia, o tom e o ritmo. A congregação conduz-se e deve conduzir o serviço, a atenção sendo mantida por meio do canto frequente do respostas, juntando o fim dos versos aos trechos da música sagrada, gerando assim um tipo de recitação interminável da nossa liturgia.

Seus rabinos, portanto, planejam, no inverno, fazer um círculo de coral para homens, para mulheres e para jovens da sinagoga. Para homens, para que o canto possa ser mais harmonioso e reverente, mais condizente com a linguagem do louvor. Para mulheres, porque suas vozes devem também ser ouvidas na adoração. Não foram Miriam e as mulheres que cantaram com Moisés o cântico da redenção no Mar Vermelho? Débora não cantou com Barac um ressonante cântico de triunfo e de gratidão? Não foram as mulheres que saíram com música para receber os vitoriosos Saul e David? Não devemos nos lembrar de 'Uranyah da sinagoga em Worms que, séculos atrás, cantou com melodia doce para as mulheres adoradoras? Pedimos a ajuda das mulheres no coral, para que elas também possam aumentar a cadência melodiosa da oração na sinagoga e para que também ensinem suas crianças a louvarem a Deus em casa. Sobretudo, pedimos às crianças para se juntarem a seu coral, para que possam aprender a conhecer e a amar o serviço, para que os salmos e cânticos possam se tornar familiares e queridos em suas

bocas, para que possam aprender as sublimes palavras em hebraico e as melodias gloriosas do nosso serviço.

Notavelmente, esta congregação não se esquiva do dever de estimular ao canto congregacional. Nós, desde o primeiro assentamento judaico neste país, somos e continuamos a ser a congregação portadora do estandarte neste continente. Os judeus dos Estados Unidos olham para nós para aprenderem como o judaísmo tradicional pode e deve ser bonito e atrativo. A beleza do prédio de nossa sinagoga é inspiradora. A beleza espiritual de nossa liturgia é das mais elevadas. A beleza devocional de nossa música é entusiasmante e devemos mostrar o exemplo da beleza da adoração congregacional para aqueles à nossa volta. Devemos isso à responsabilidade de nossa posição como primeira congregação no continente e ao nosso futuro como uma congregação a se levantar como modelo de uma congregação de adoração, não permitindo que o serviço torne-se uma recitação tediosa e desinteresse sem a adoração do canto, nem seduzido pela beleza fria de um serviço parecido com um concerto com músicas requintadas, não cantadas para a glória de Deus, mas para agradar o prazer de uma audiência muda, nem também permitindo que a verdadeira adoração congregacional torne-se indecorosa ou incômoda. O serviço de oração deve sair dos lábios ternos e radiantes da congregação e ser dirigido aos céus.

Que Deus esteja conosco nessa e em todas as nossas atividades, fortalecendo-nos para atrairmos a congregação crescente a esses serviços, onde cada um pode oferecer seu incenso de canto doce para o Eterno, onde a alma de cada adorador eleva-se a Deus, carregada nas asas do canto, para que cada um possa dizer com o salmista "Enquanto eu viver cantarei ao Eterno; louvá-Lo-ei por todos os dias de minha vida". Dessa forma, esta sinagoga tornar-se-á, ainda mais, um centro de bênçãos, dando paz espiritual àqueles que adoram dentro de suas paredes, enviando fluxos de exemplo religioso e beneficência para enriquecerem a comunidade, elevando a adoração reverente a Deus, a Fonte de águas vivas.

דוד די סולה פול



O rabino David de Sola Pool, a"h, nasceu em Londres, Inglaterra, em 1885. Era descendente de uma velha e renomada família de rabinos e autoridades acadêmicas. Estudou na *University of London* e tinha um doutorado em línguas antigas pela *University of Heidelberg*. Foi rabino da sinagoga Shearith Israel, em Nova Iorque. Escreveu diversas obras importantes como *The Kaddish* (O Qaddish) e *Why I am a Jew* (Porque eu sou judeu). Seu nome é uma referência em termos de liderança judaica no século XX. Faleceu em Nova Iorque, em 1970.